



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v13i0119>

## A UTOPIA E A DISTOPIA NA LITERATURA: GABRIEL DE FOIGNY E GEORGE ORWELL

Data de recebimento: 28/01/2020

Aceite: 15/03/2020

Júlia Silva de OLIVEIRA (UNIFESP)<sup>1</sup>  
Eduardo Miguel da SILVA (UNIFESP)<sup>2</sup>  
Henrique da Silva MARQUES (UNIFESP)<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa observar como as obras *A terra austral conhecida*, de Gabriel de Foigny e *1984* de George Orwell se encaixam no gênero da utopia, tendo elas adotado uma perspectiva positiva ou negativa em suas narrativas, de forma que seja possível analisar as semelhanças e diferenças entre as obras e até que ponto elas pertencem ou subvertem o gênero em questão.

**Palavras-chave:** Utopia. Distopia. Gabriel de Foigny. George Orwell.

**Abstract:** This study aims to observe how Gabriel de Foigny's *The Southern Land, Known* and George Orwell's *1984* fit into the genre of utopia, having them adopted a positive or negative perspective in their narratives, so that it is possible to analyze the similarities and differences between the works and the extent to which they belong or subvert the genre in question.

**Keywords:** Utopia. Dystopia. Gabriel de Foigny. George Orwell.

### 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo entender os limites do gênero Utopia como representante do imaginário literário e ferramenta através da qual autores puderam tecer críticas de variados pontos de vista a fim de conceber uma sociedade justa, seja a partir da negatividade ou da positividade, e alertarem seus contemporâneos para as problemáticas de seus tempos. Partindo de reflexões sobre os livros *A terra austral conhecida* (1676), de Gabriel de Foigny, e *1984* (1949), de George Orwell, este artigo deseja tratar dos aspectos que aproximam o gênero Utopia a seu subgênero Distopia, e procura refletir em que medida os dois podem ser aproximados ou não e quais são suas características formais básicas, a fim de chegar a uma visão mais aprofundada acerca das características essenciais das obras e seus gêneros.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil; jsoliveira@unifesp.br

<sup>2</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, Arujá, Brasil; emsilva@unifesp.br

<sup>3</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil; henrique1\_3@hotmail.com



## 2. Fundamentação teórica

Desde a Antiguidade há a preocupação de reavaliar a sociedade com o intuito de aprimorá-la. Muitos pensadores serviram-se da utopia para contestar a realidade e discorrer sobre seu desenvolvimento. Contudo, o utopismo não deve ser confundido com o gênero utópico. Enquanto o primeiro - anterior ao gênero - trata-se da tentativa de construção de um modelo ideal e de uma categoria geral de pensamento, podendo ser atribuído a diversas áreas, como política, economia e religião, o segundo concerne ao campo da literatura. O utopismo (ou modo utópico) seria, assim, um modo imaginário político, uma “projeção para fora do presente, uma aspiração a um ‘mundo melhor’ situado no *porvir*” (RACAULT, 2009, p. 31), ao passo que a utopia (ou gênero utópico) seria uma “representação de um *Alhures* geograficamente afastado colocado como simétrico e inverso ao *Aqui* do mundo de referência” (p. 31). Ainda assim, o gênero utópico parece não possuir definição e forma estabelecidos, o que dificulta a construção de um corpus ou de uma elucidação íntegra sobre o tema.

Raymond Trousson, em seu artigo *Utopia e utopismo* (2005, p. 123-135), discorre sobre a falta de definição que encontramos ao nos debruçarmos sobre o trabalho de pesquisadores sobre o gênero utópico, e depreende que o obstáculo talvez se dê pelas distorções sofridas pelo objeto em questão ao longo do tempo (p. 125). O termo, aplicado a diversas situações, agruparia obras de naturezas distintas que poderiam ser mais satisfatoriamente organizadas de acordo com suas propriedades intrínsecas. Para Trousson, o relato utópico não pode ser reduzido a uma única forma constante, e talvez ele tenha uma "série cronológica de definições respondendo ao *porvir* dos meios de expressão" (p. 132).

Jean-Michel Racault, por sua vez, em seu artigo *Da ideia da perfeição como elemento definidor da utopia* (2009, p. 29-46), caracteriza a obra de Foigny como “utopia clássica”, que possui a forma de um suposto relato de viagem a uma ilha desconhecida. Esse tipo de utopia teria nascido nos anos 1675 na França e sua diferença das utopias anteriores se daria por sua estética realista, como, por exemplo, as viagens repletas de precisões geográficas de aspecto indiscutível presentes na utopia de Foigny (p. 33). Além disso, Racault defende que as utopias clássicas partem da constatação da imperfeição humana e, desse modo, o autor diferencia *A terra austral conhecida* de utopias que buscam apresentar uma sociedade capaz de corrigir os defeitos do homem. Foigny, distintivamente, busca anunciar uma sociedade que, ao se caracterizar como perfeita, se afasta da natureza humana, não podendo ser avaliada como tal.

À vista disso, pensaremos na obra de Foigny a partir das considerações de Trousson (2005), bem como as de Racault (2009) e André Prévost (2015) a respeito do gênero utópico e



de suas particularidades, a fim de contrapor suas configurações com sua inversão: a distopia. Os trabalhos de Evanir Pavloski (2014) e Darko Suvin (2015) nos servirão como base acerca da distopia e suas aproximações e distanciamentos com o utópico.

### 3. A utopia de Foigny

A palavra utopia nasceu em 1516 com a publicação de *Utopia* do escritor inglês Thomas Morus (1478-1535). Ao nomear o “lugar nenhum”<sup>4</sup>, país presente em sua obra, Morus compôs a palavra que posteriormente viria a caracterizar obras literárias sobre uma sociedade perfeita. *A terra austral conhecida* de Gabriel de Foigny (1630-1692), por sua vez, constrói-se a partir de um hibridismo formal (RIBEIRO, 2011, p. 32): é uma utopia romanesca que também pode ser qualificada como relato de viagem e autobiografia ficcional. Publicada pela primeira vez em 1676, a narrativa é escrita em primeira pessoa - alternando também a narração em diálogos diretos e descrições em terceira pessoa - e descreve as aventuras de Nicolas Sadeur desde seu nascimento até sua morte, com enfoque em sua chegada acidental à terra austral e especialmente na descrição do lugar.

A papel de Foigny seria apenas o de tradutor do documento original escrito por Sadeur, dado que o texto se esforça para ser considerado como relato autêntico - por exemplo, dispondo-se de fatos e datas verdadeiros -, ainda que faça isso ironicamente, descrevendo o irreal e inverossímil. Isto é, “Foigny tanto se serve de procedimentos visando a reforçar a verossimilhança quanto faz com que Sadeur narre fatos inverossímeis, estabelecendo assim uma relação paradoxal - e irônica - com a veracidade” (p. 44).

Nosso personagem principal passa por sucessivos naufrágios e adversidades até chegar à terra austral. Suas viagens têm papel fundamental na construção da obra, particularmente se considerarmos que simbolicamente a viagem representa o afastamento dos antigos valores, possibilitando a descoberta e aquisição de novos (TROUSSON, 2005, p. 131). São esses deslocamentos que lhe permitem vivenciar o contraste entre a organização dos dois povos.

Sadeur chega a uma terra ideal até então desconhecida onde os habitantes agem exclusivamente segundo o princípio da razão. Alguns fatores são indispensáveis para sua aceitação pelos nativos: em especial, o fato de Sadeur ser hermafrodita como os austrais. A partir desse ponto é iniciada a detalhada descrição do viajante sobre a terra fantástica. São relatadas as organizações sociais do país, suas características físicas e seus habitantes - que são

---

<sup>4</sup> Do Grego: οὐ (não) e τόπος (lugar).



seres completos e vivem em harmonia e uniformidade: sem religião institucionalizada, sem política ou hierarquias de governo, sem leis ou disputas. Desse modo, o texto é capaz de questionar “a legitimidade de qualquer instância, política, social ou religiosa” (RIBEIRO, 2011, p. 49).

Ao se debruçar sobre as questões da natureza humana e da natureza social, o texto critica e contrapõe continuamente a sociedade real de Foigny (e também de Sadeur) e a sociedade harmoniosa descrita pelo protagonista. Isso pode ser observado pelos inúmeros diálogos entre Sadeur e Suains, o ancião que explica as particularidades da terra austral para o viajante. A troca de informação sobre os respectivos povos lança julgamentos à respeito da sociedade em que Foigny vivia, provocando uma reflexão política e social sobre a realidade.

Dessa forma, *A terra austral conhecida* critica e ironiza a sociedade de seu autor na mesma medida em que questiona - ao desenvolver as situações fantásticas e inverossímeis - a possibilidade da existência dessa sociedade ideal, exigindo discernimento do leitor ao “mostrar o contrário do que se pensa a fim de melhor comunicar a verdade profunda” (PRÉVOST, 2015, p. 440). Logo, a obra não é necessariamente um ideal concebido como realizável ou mesmo desejável, já que a perfeição dos austrais é incompatível com a imperfeição do homem (RACAULT, 2009, p. 29).

#### 4. 1984 e a distopia

É necessário distinguir as diferentes formas em que o pensamento utópico pode ser caracterizado, podendo manifestar-se como elemento constitutivo e mesmo definidor de uma visão espiritualista, de um projeto político, de um movimento sociocultural, de uma obra literária ou de uma variedade muito extensa de produções. O mecanismo de criação dos subgêneros da utopia é a inversão, em forma de oposição, contraste, paradoxo, tendo em conta que todo o universo da utopia adota uma posição polêmica em relação a um universo de referência, seja ele real ou imaginário. As distopias retratam o mundo estranho e imaginário como um reflexo do pior do mundo real, sendo o ficcional um pesadelo e o real preferível, ao contrário da utopia, na qual o imaginado é melhor e o concreto pior (BRAGA, 2006, p. 5).

A utopia nem sempre é construída sobre bases fundadas no otimismo e no imaginário ideal social, muitas obras apresentam uma ênfase e ampliação dos aspectos negativos percebidos na sociedade, veiculando reflexões e críticas por meio da figuração de um pesadelo social, podendo exhibir ataques a instituições e costumes da realidade (PAVLOSKI, 2014, p. 13).



Segundo Darko Suvin (2015, p. 469-470), a distopia pode ser dividida em antiutopia e o que ele chama de distopia “simples”. Para a primeira, trata-se de um *locus* significativamente diferente explicitamente projetado para refutar um utopismo presentemente proposto, sendo ele, historicamente, referente ao anti-socialismo ou à violência militarista ou mercantil, enquanto a distopia “simples” é somente uma distopia que não é uma anti-utopia, possuindo como intertexto geral o anti-capitalismo radical.

Os textos distópicos foram numerosos na primeira metade do século XX, período entre as Guerras Mundiais no qual havia desolação com a ascensão de governos totalitários pelo mundo, e o pensamento utópico na literatura trouxe essas considerações sob a forma de futuros sociais marcados pela homogeneidade e pela restrição da liberdade individual.

É nesse contexto que George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair (1903-1950), produziu diversas obras marcadas por uma profunda consciência de injustiças sociais e uma intensa oposição ao totalitarismo. Dentre elas, o romance distópico 1984 apresenta um espaço social pavoroso e com características totalitárias, dialogando com eventos históricos reais contemporâneos ou do passado recente do autor, caracterizando-se, então, como uma distopia antiutópica.

Na história da obra, ambientada na Grã-Bretanha, o mundo encontra-se em guerra ininterrupta, vigilância governamental contínua e manipulação pública e histórica, com um governo que persegue o individualismo e a liberdade de expressão. O protagonista, Winston Smith, funcionário do Ministério da Verdade, encarregado de reescrever artigos passados de modo a estarem alinhados com valores do Partido, sente-se inadequado nessa sociedade e a contesta, levando-o à crimideia (termo utilizado no romance para nomear os crimes ideológicos de pensamentos ilegais).

Orwell pretendeu, ao retratar uma sociedade completamente dominada pelo Estado, da qual ninguém escapa da vigilância constante do Grande Irmão, trazer a questão dos governos totalitaristas - nazista, stalinista, entre outros contemporâneos a ele -, ampliando-os e transformando-os em uma realidade aterrorizante, para que pudesse, dessa forma, atacá-los e criticá-los. Para a Europa da época em que foi lançado, o livro serviu como crítica aos regimes totalitários nazifascistas; para os Estados Unidos, como uma crítica ao modelo socialista do governo soviético de Josef Stalin e seu partido único; como distopia que reflete sobre aspectos da realidade, este livro, escrito na primeira metade do século passado, continua importante para que a sociedade atente-se às consequências de qualquer forma de poder inquestionável.



## 5. Os opostos semelhantes

Entende-se a utopia como um gênero abrangente, segundo Suvin (2015, p. 468), que a descreve como "a construção de uma comunidade singular onde instituições sociopolíticas, normas e relações entre as pessoas estão organizadas de acordo com um princípio *radicalmente diferente* que o da comunidade do autor". Sob esta perspectiva, inserem-se tanto *A terra austral conhecida*, quanto *1984* neste gênero; ainda que também fique bem claro que as duas obras se diferenciam em diversos níveis, desde tom a construção narrativa.

As obras se distinguem por pertencerem a subcategorias dentro do gênero utópico, conforme vemos em Suvin, que separa a *eutopia*, a qual apresenta "as instituições sociopolíticas, normas e relações entre pessoas organizadas de acordo com um princípio *radicalmente mais perfeito* do que o da comunidade do autor" (p. 469), da *distopia*: "simetricamente oposta [e] organizada de acordo com um princípio *radicalmente menos perfeito*" (p. 469).

Pertencentes, então, cada uma a um subgênero diferente, as sociedades descritas retratam estados de bem-estar social em pólos opostos - *1984* narra uma sociedade radicalmente menos perfeita, ao passo que *A terra austral conhecida* radicalmente mais perfeita -; contudo, elas se assemelham ao utilizar destes extremos para atingir um fim comum: tecer uma crítica a suas respectivas realidades. Ribeiro (2011, p. 49) comenta:

As obras utópicas, de Morus às distopias atuais, englobam uma quantidade desconcertante de variantes, mas se caracterizam, essencialmente, por apresentar a descrição de um alhures em sua totalidade [...] este lhe apresenta e explica um mundo novo, termo de comparação com o mundo do leitor.

Jerzy Szachi também descreve: "A utopia é uma recusa da absolutização das divisões políticas atuais, é uma tentativa de recomeçar o debate sobre a forma da sociedade" (*apud* PAVLOSKI, 2014, p. 50). O contraste entre ficção e realidade se torna, desta forma, essencial em ambos os gêneros. Todavia, há diferenças nas abordagens adotadas pelos dois autores na intenção de retratar e criticar seu momento.

No aspecto temporal, Foigny localiza *A Terra Austral Conhecida* num passado bem próximo, o que faz com que as críticas descritas através do contraste de uma terra perfeita com



a realidade imperfeita sejam imediatamente reconhecidas e apontem a problemas existentes na contemporaneidade do autor.

George Orwell, entretanto, se serve de outra estratégia ao descrever uma distopia prospectiva, "característica que concentra grande parte de potencialidade reflexiva no processo de recepção" (p. 51). Contudo, projeta a temporalidade de sua narrativa num futuro incerto, em que seu governo totalitário reescreve constantemente a história, de forma que se torna impossível uma localização precisa do ano em que a narrativa se passa, ainda que suas personagens acreditem que vivem no ano de 1984. "Dessa maneira, Orwell relativiza o próprio *cronotopo* do texto, transformando a sociedade distópica na sociedade do tempo nenhum ou na sociedade de qualquer tempo possível no futuro" (p.51).

No contexto histórico do pós-guerra e do recente totalitarismo da União Soviética, George Orwell desloca sua narrativa para esse futuro não para que se reconheça, em sua totalidade, aquele mundo fictício ou que se reconheça seu oposto na presente realidade, mas como uma forma de alertar para perigos que o totalitarismo poderia apresentar ao futuro das sociedades.

Contudo, é na abordagem positiva ou negativa, conforme já mencionado, que as obras vão se diferir vastamente. Pavloski (2014, p. 50) discorre sobre esta positividade e negatividade através da visão de Szachi:

As utopias positivas e negativas apresentam uma “consanguinidade” ideológica que as torna extensões de um mesmo posicionamento crítico e de semelhante processo criativo. Nos dois tipos de produção ocorre a contraposição da realidade a alguma forma de ideal social com o objetivo de promover a reflexão sobre os elementos tidos como falhos no universo experimental. Tanto o idílio dos utopistas quanto o pesadelo dos distopistas insere o leitor em um contexto de reavaliação conceitual ao colocá-lo diante de uma perspectiva radical e, em alguns casos, maniqueísta dos caminhos seguidos pelas sociedades históricas.

Por mais distintas que estas obras pareçam, na prática, notamos que diferem basicamente pela abordagem negativa ou positiva em suas construções de mundo, e mantêm diversas semelhanças, apesar dos séculos que as separam, uma vez que se encontram sob o guarda-chuva do gênero da utopia.





## 6. Considerações finais

Como observado por Racault (2009, p. 36), a perfeição das sociedades utópicas é visível no plano coletivo, não no plano dos indivíduos. O conflito entre a Razão e o Coração surge sempre à força das paixões, tanto na distopia quanto na utopia. Na primeira, há sempre uma personagem questionadora que começa a se sentir deslocada em sua sociedade; na segunda, o narrador, o indivíduo intruso, escolhe ou é obrigado a retornar ao seu país de origem, implicando uma crítica à utopia ou ao menos a constatação de uma incompatibilidade pessoal.

Portanto, podemos reconhecer duas formas distintas - ou até mesmo opostas - de se chegar a um mesmo objetivo comum. Enquanto Foigny descreve um país ideal para que desperte no leitor uma consciência dos problemas de sua sociedade - ainda que o faça com muita ironia e coloque a natureza humana em contraste com uma natureza sobre-humana -, Orwell o faz pelo caminho contrário, descreve uma sociedade controladora e opressiva visando alertar o leitor dos perigos que ideologias e governos proto-totalitários de seu tempo poderiam apresentar ao futuro de uma coletividade.

## Referências

- BRAGA, Corin di. Utopie, eutopie, dystopie et anti-utopie. In: **Metabasis**, 2, 2006, p. 1-34. Disponível em: <<https://goo.gl/iiqWbq>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- FOIGNY, Gabriel. de. **A terra austral conhecida**. Tradução, introdução e notas de Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 2003.
- PAVLOSKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.
- PRÉVOST, André. A utopia: o gênero literário. Artigo traduzido por Ana Cláudia Romano Ribeiro. In: **Morus: Utopia e Renascimento**, 10, 2015, p. 411-436. Disponível em: <<https://goo.gl/5FxVgw>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- RACAULT, Jean-Michel. Da ideia de perfeição como elemento definidor da utopia. Artigo traduzido por Ana Cláudia Romano Ribeiro. In: **Morus: Utopia e Renascimento**, 6, 2009, p. 29-46. Disponível em: <<https://goo.gl/hydxG1>>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. **Introdução**. FOIGNY, Gabriel de. **A terra austral conhecida**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.





SUVIN, Darko. Um breve tratado sobre a Distopia 2001. Artigo traduzido por Ana Cecília Araki e Helvio Moraes. In: **Morus: Utopia e Renascimento**, 10, 2015, p. 465-488. Disponível em: <<https://goo.gl/aUyHbj>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

TROUSSON, Raymond. Utopia e utopismo. Artigo traduzido por Ana Cláudia Romano Ribeiro. In: **Morus: Utopia e Renascimento**, 2, 2005, p. 123-135. Disponível em: <<https://goo.gl/jWpHLe>>. Acesso em: 13 nov. 2018.